

CUMMING, KERMODE E O NACIONALISMO MANX: UM BALANÇO DA ERUDIÇÃO SOBRE SIGURÐR *FÁFNISBANI* NAS CRUZES DE PEDRA DA ILHA DE MAN

*CUMMING, KERMODE AND MANX NATIONALISM: A SURVEY OF THE
SCHOLARSHIP ABOUT SIGURÐR FÁFNISBANI
IN THE STONE CROSSES OF THE ISLE OF MAN*

RENAN MARQUES BIRRO
Universidade Federal do Amapá, Brasil
rbirro@unifap.br

RESUMEN

PALABRAS CLAVE

Cruzes
Ilha de Man
Erudição
Sigurðr Fáfnisbani

Este artigo apresenta o desenvolvimento e impacto dos antiquaristas dezenovecentistas manx nas representações e reflexões sobre as cruzes de pedra da Ilha de Man, principalmente aquelas que possivelmente dispõem o herói semilegendário escandinavo Sigurðr *Fáfnisbani*. Meu intuito foi expor as fragilidades argumentativas e, além disso, o longo impacto de tais idéias na erudição dos séculos.

SUMMARY

KEYWORDS

Crosses
Isle of Man
Erudition
Sigurðr Fáfnisbani

This article presents the development and impact of Manx antiquarians (XIXth century) on the representations and reflections about the stone crosses of the Isle of Man, mainly those that probably are references of the semi-legendary hero Sigurðr *Fáfnisbani*. My purpose was to expose the argumentative fragilities and, furthermore, the extended impact of these ideas in the erudition of the XXth and XXIth centuries.

Recibido: 04/03/2016
Aceptado: 06/05/2016



CUMMING, KERMODE E O NACIONALISMO MANX: UM BALANÇO DA ERUDIÇÃO SOBRE SIGURÐR *FÁFNISBANI* NAS CRUZES DE PEDRA DA ILHA DE MAN

Cumming, Kermode and Manx Nationalism: A Survey of the Scholarship about Sigurðr *Fáfnisbani* in the Stone Crosses of the Isle of Man

RENAN MARQUES BIRRO

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ, BRASIL
RBIRRO@UNIFAP.BR

Durante o século XIX, a Ilha de Man, uma pequena porção de terra num ponto axial do Mar da Irlanda, começou a atrair a atenção de interessados no passado escandinavo. O motivo era simples: com a proposta de reerguimento dos templos cristãos, as antigas construções foram derrubadas e fragmentos de cruzes foram encontrados nas fundações dessas igrejas. Os monumentos encontrados passaram, assim, a fazer companhia às cruzes em pedra que permaneceram provavelmente em seus locais de origem.

RENAN MARQUES BIRRO, "Cumming, Kermode e o nacionalismo manx: um balanço da erudição sobre Sigurðr *Fáfnisbani* nas cruzes de pedra da Ilha de Man", *Calamus* 1 (2017): 169-196. ISSN 2545-627X. Recibido 04/03/2016, aceptado 06/05/2016

Dentre estas, algumas delas dispõem de elementos figurativos e não-figurativos que evocam personagens mitológicos (Óðinn, Pórr, Loki) e semilegendários escandinavos, como o herói Sigurðr *Fáfnisbani*, além de representações bíblico-crísticas. Desde então, a erudição tem proposto leituras sobre o assunto que, a meu ver, são problemáticas por dois motivos: primeiro, estão assentadas em desenhos produzidos cerca de 130 anos atrás, sem a devida reflexão sobre o *modus operandi* intelectual vigente e os eventuais erros de seus autores.

Segundo, graças às dificuldades de produzir um conhecimento histórico sem alicerces na documentação escrita, os dezenovecentistas manx lançaram especulações que ainda alimentam nossa produção intelectual, com bases nacionalistas e excessos interpretativos (Belchem, 2000: 217-240).

Dentre estes, destaco o papel da *Sociedade Manx para a publicação de documentos nacionais*, fundada em 1858. O objetivo desta, como exposto no nome, era publicar, reimprimir e divulgar documentos da Ilha de Man. Apesar do caráter antiquarista da maioria dos envolvidos, alguns acadêmicos renomados do âmbito setentrional estiveram envolvidos em diferentes momentos como, por exemplo, Joseph George Cumming, Peter Andreas Munch e George Stephens. A lista dos envolvidos, porém, comprova o caráter majoritariamente amador dos envolvidos, contando com clérigos, advogados, antiquaristas e outros “comuns” (cf. Sacheverell, 1859).

Para o período, é preciso lembrar que o orgulho imperial que floresceu durante a Era Vitoriana, sobretudo na fase tardia, promoveu o reavivamento étnico e nacionalista celta na Ilha de Man. Ainda que a referida ilha tivesse passado por ocupações e

influências “celtas”, nórdicas e inglesas, o primeiro caráter foi o mais evocado pelos estudiosos de Man (Belchem, 2000: 217-240).

Embebidos em teorias da raça vigentes no período, os manx antiquaristas da época desdobraram estudos que enfatizavam o caráter irlandês das cruces em pedra, o papel das mulheres “célticas” na conversão de maridos nórdicos e o tamanho dos crânios dos habitantes *par excellence* do Mar da Irlanda.

Em termos comparativos, não há grandes inovações historiográficas sobre a história da Ilha de Man desde então. Séan Duffy, por exemplo, basicamente replicou o que os eruditos do século XIX afirmavam: a figura mítica de Manannán mac Lir, o governo e a cristianização irlandesa, o parentesco mais próximo com os irlandeses goidélicos, informações manifestas quase 100 anos antes (Duffy, 2010, 2007; Quine, 1911: 72-73). Assim, proponho uma digressão para acentuar os problemas da erudição do século XIX antes de avançar na proposta que considero mais pertinente.

O primeiro depoente dos monumentos foi Thomas Wilson, bispo de Man e Sodor, que ofereceu um breve insight sobre a Ilha de Man na obra *Britannia* de William Camden, uma espécie de grande guia das Ilhas Britânicas e Irlanda. A primeira versão, publicada em 1586, é uma descrição corográfica, histórica e topográfica das Ilhas Britânicas, incluindo a Irlanda. *Britannia* foi publicada nos Países Baixos no mesmo ano e em Frankfurt em 1590; partes da obra foram condenadas pela inquisição espanhola em 1612 (Harris, 2015: 279-285).

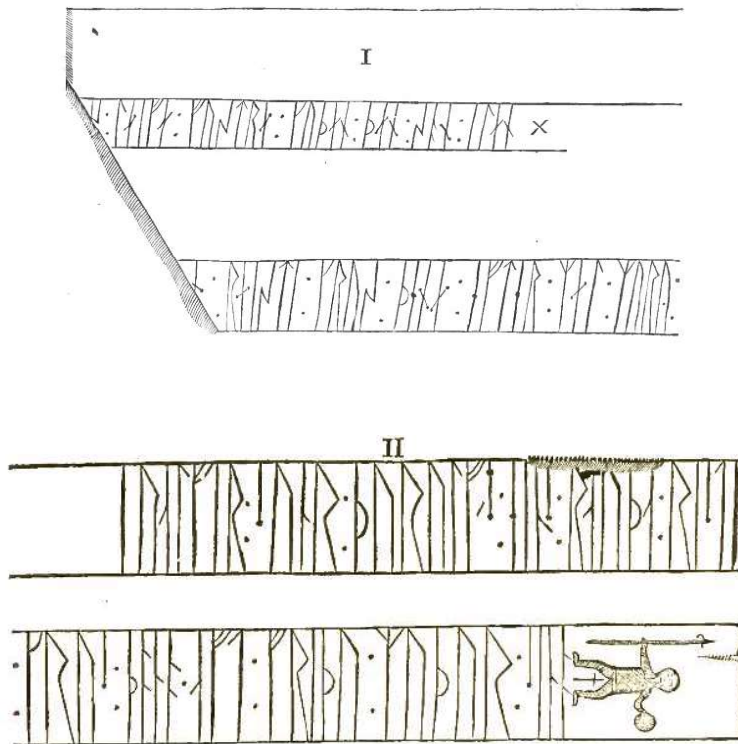
Originalmente publicada em latim, a obra foi traduzida e disponibilizada ao público anglófono em 1722. Ela parece ter

alcançado certa notoriedade, pois foi reimpressa várias vezes no século XVII e versões dela foram incluídas por outros autores (Harris, 2015: 286-291).

Das runas, Wilson informou, tendo à margem a palavra “curiosidades” diretamente associada, sobre a escrita em cruces da antiga língua, que deveria ser lida de baixo para cima; o monumento serviria para fins funerários. Além dos textos, havia “poucos embelezamentos de homens sobre cavalos, ou com armas, veados, cães, pássaros ou outros recursos provavelmente dos empreendimentos de alguma pessoa notável” (Wilson, 1722: col.1455)¹.

Após uma descrição muito sucinta da ocupação da ilha que menciona a *Crônica de Man* e de fontes inglesas (Wilson, 1722: cols.1457-1458), seguem algumas ilustrações de quatro inscrições rúnicas em monumentos (Wilson, 1722: cols.1457-1460). Os elementos ornamentais e figurativos foram completamente ignorados, exceto no terceiro monumento, onde um pequeno homem na horizontal, com as pernas abertas sobre uma pequena cruz, tendo uma espécie de lança e bastão na mão direita e, na mão esquerda, um tipo de disco ou escudo. Ambas teriam sido encontradas em Kirk Michael (cf. imagens 1 e 2).

¹ “little embeleshments [sic] of me non horseback, or in Arms, stags, dogs, birds, or other devices, probably the Atchievements [sic] of some notable person”.



Imagens 1 e 2 - Representações de inscrições rúnicas na obra de Kinnebrook. //
Fonte: Kinnebrook (1722).

Thomas Wilson manifestou seu orgulho da peculiaridade monumental manx quando ele informa aos leitores que “Há talvez mais inscrições rúnicas para serem encontradas aqui nesta ilha do que em qualquer outra nação” (1722: col.1455)². Nota-se, portanto, os primeiros passos entre intelectuais assentados na ilha em direção ao nacionalismo na Ilha de Man, que se tornou bastante acentuada no século seguinte.

² “Here are more Runick [sic] Inscriptions to be met with in this Island, than perhaps in any other Nation”.

Mais de cem anos depois da edição traduzida ao inglês, William Kinnebrook publicou em 1841 um pequeno trabalho intitulado *Etchings of the runic monuments in the Isle of Man* (*Impressões dos monumentos rúnicos na Ilha de Man*). Na folha de rosto da obra, há três linhas com a seguinte afirmação “veja as linhas esculpidas em volta dele; todas são inscrições rúnicas místicas, cheias de poder mágico para proteger do mal”³. O autor legou à posteridade, nestes termos, a ideia ainda vigente entre antiquaristas, herdado dos runólogos especulativos, das possíveis origens mágicas e míticas deste tipo de escrita.

No prefácio, o autor reclamou da tarefa aparentemente simples, mas tornada difícil pela total ausência de um guia completo das cruzeiras rúnicas manx. Além disso, ele manifestou “a dificuldade para obter informações dos camponeses sobre as coisas, em diferentes instâncias, em suas vizinhanças imediatas” (Kinnebrook, 1841: 6)⁴. A partir deste depoimento, é verossímil que qualquer informação obtida por novecentistas não foi obtida de registros escritos, mas da tradição oral e memorial dos habitantes da ilha.

O pequenino catálogo de representações deste autor, que deveria oferecer a escrita, os ornamentos e uma ideia das dimensões reais (Kinnebrook, 1841: 6), foi antecedido por algumas ponderações da pretensa origem asiática dos escandinavos, certamente conforme o depoimento de Snorri Sturluson no *Prologus* da *Edda* (2-3). A escrita rúnica, portanto, seria

³ “See the lines graven round it, all are runic mystic inscriptions, full of wizard power to ward off ill”.

⁴ “the difficulty of obtaining information from the peasantry about things, in several instances, in their immediate neighbourhoods”.

semelhante ao costume dos povos da Ásia de redigir neste suporte (Kinnebrook, 1841: 7-8).

Os reis da Ásia Menor, assim, usariam pedras para redigir seus feitos e, desta herança asiática, os saxões teriam levado as runas para as Ilhas Britânicas. O cristianismo teria promovido o banimento da escrita rúnica, considerada maldita e necromântica. No caso manx, os escandinavos teriam reintroduzido os glifos, como um produto dano-norueguês do período entre 900-1263, ou seja, da fase em que os laços políticos entre a Escandinávia e a Ilha de Man pretensamente seriam bastante estreitos (Kinnebrook, 1841: 8-9).

Na descrição dos monumentos, Kinnebrook negligenciou quase totalmente a importância das imagens: dos vinte e seis monumentos comentados, apenas em um o autor mencionou a presença de um homem ou anjo representado na superfície de pedra. Nos demais, a ênfase total esteve direcionada para a inscrição e seu significado (Kinnebrook, 1841: 10-14).

De maneira diametralmente oposta, as ilustrações equilibram a importância das mensagens escrita e das imagens, pois é possível perceber uma série de detalhes negligenciados por estudiosos posteriores, por exemplo. Alguns desenhos foram assinados pelo próprio autor, como na primeira ilustração, mas não há indicações em várias páginas; presumi, apesar da falta de evidências, que ele era igualmente o responsável por todas as representações disponíveis.

As reproduções foram feitas para sugerir a tridimensionalidade, além da tentativa de replicar as condições em que os monumentos foram encontrados (enterrados, inclinados,

tombados, compondo parte de muros, etc.), como no caso do fragmento de cruz encontrado em Kirk Onchan (cf. imagem 3).



Imagem 3 - Fragmento de *cross slab* encontrado por Kinnebrook em Kirk Onchan. // **Fonte:** Kinnebrook (1841).

Como precursores, tanto Wilson quanto Kinnebrook estiveram bastante limitados na obtenção de informações dos monumentos apresentados e das informações disponíveis. Os empréstimos da erudição de época não foram citados ou apontados na obra, o que torna difícil a reconstrução de referências, conquanto obras medievais, como a *Crônica de Man*, tenham sido usadas como argumento de autoridade.

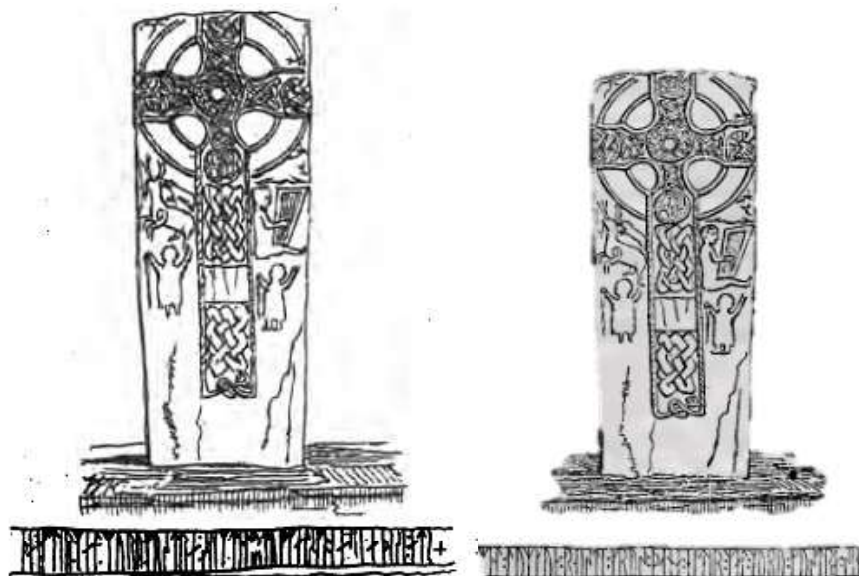
Jens Jacob Worsaae (1821-1885), com maior respaldo acadêmico que Wilson e Kinnebrook, fez uma descrição topográfico-geográfica da Ilha de Man antes de adentrar a matéria dos monumentos em pedra. A localidade teria sido, na visão deste autor, “o principal assento de poder norueguês das ilhas”, pois seus habitantes falavam a antiga língua norueguesa e se tornaram a “raça predominante” local (1852: 278).

As “pedras rúnicas” seriam, na visão do norueguês, cruzes sepulcrais. Worsaae identificou mais monumentos com inscrições no Norte da ilha do que no Sul, onde a língua deveria ser mais prevalente. Tal informação, no entanto, entra em choque com a *Chronica Manniae*, pois, como informado no primeiro capítulo, o cronista registrou que Godred teria ocupado o Sul com seus homens, enquanto o Norte teria se tornado a morada dos nativos. A solução do impasse para Worsaae era simples: os monumentos setentrionais seriam, deste modo, mais antigos que a conquista da ilha pelos nórdicos (Worsaae, 1852: 279-281).

Worsaae retomou as cruzes de Kinnebrook, fazendo os devidos créditos mas com alterações, pois faltavam certas inscrições (1852: 281-282). É nítida a preocupação nascente com questões ornamentais como interlaços, serpentes e ornamentos típicos da Escandinávia (cf. imagens 4 e 5). Porém, não houve uma tentativa de classificação ou padronização. A preocupação maior estava na identificação das cruzes que teriam sido feitas por Gautr, sua origem escandinava e as cruzes e inscrições como a manifestação de algo enobrecedor da cultura escandinava, em vez do senso comum de associá-los aos saques, ataques sanguinolentos e cultura guerreira tão somente (Worsaae, 1852: 284-285). Talvez para reforçar o argumento das qualidades das gentes escandinavas, o autor mencionou que as cruzes seriam um indício da rápida conversão e a figuração do próprio Cristo num monumento em Kirk Onchan (Worsaae, 1852: 286).

Assim como outros eruditos noruegueses novecentistas, a ideia de *Noregs veldi* (lit. “grande Noruega”) era implícita nas conexões com regiões do Atlântico Norte como a Ilha de Man, a

Islândia, as Orkneys, as Hébridas, etc. No caso manx, a conexão dos reis locais com os reis noruegueses presente na *Chronica Manniae* (c.1263) foi fundamental (Worsaae, 1852: 286).



Imagens 4 e 5 - a comparação entre as ilustrações de Kinnebrook e Worsaae na Kirk Michael. // **Fontes:** Kinnebrook (1841) e Worsaae (1852).

Após Worsaae, merece destaque Joseph George Cumming (1812-1868), autor da obra *Os vestígios rúnicos e outros vestígios monumentais da Ilha de Man* (1857), uma espécie de catálogo do material disponível em meados do século. Este estudioso foi o primeiro a registrar uma cruz atribuída ao herói Sigurðr, conquanto essa relação tenha sido traçada posteriormente.

Na apresentação da obra, ele explicou sobre o processo de reprodução dos monumentos, que envolvia moldes de gesso, replicações com papel sobre a rocha, como em um “negativo”, e a utilização da mescla de ambos para a confecção do desenho final (Cumming, 1857: v-vii).

Ele reconheceu as limitações das técnicas ao afirmar que o “negativo” deixava os ornamentos mais largos que os originais. Ademais, a iniciativa tinha um carácter provocador, pois ele queria “direcionar a atenção dos antiquaristas para estes notáveis vestígios, na esperança que alguém com mais tempo e habilidade que eu possa dar andamento ao trabalho, resgatando-as [as cruzes] do esquecimento” (Cumming, 1857: vii). A partir do último comentário, fica perceptível o público receptor da obra, a saber, o recém-formado círculo de pesquisadores amadores que atuava na ilha e publicava em jornais locais e em periódicos britânicos os achados de natureza diversa.

Ao comentar uma das peças analisadas, Cumming afirmou que a encontrou jogada ao chão, em uma extremidade da Igreja de Malew, no sul da Ilha. Ele precisou fazer o desenho com ajuda da luz do dia e conseguiu reproduzir o trabalho em nós em grande medida, ainda que algumas partes tenham se mostrado imperfeitas. Apesar dos “animais de carácter peculiar”, ele informou que esta cruz era semelhante a outras duas, mas ainda mais próxima das cruzes escocesas do que qualquer outro monumento similar encontrado em Man à época (1857: 25; cf. imagens 6 e 7).



Imagens 6 e 7 - A ilustração de Cumming da *Cruz de Malew* e o monumento original. // **Fontes:** Cumming (1857) e Radcliffe (2010).

Ao observar a reprodução do monumento em desenho, nota-se, no que seria o retângulo esquerdo do poste vertical da cruz, a parte dianteira de um cavalo sobre uma faixa larga horizontal; no retângulo central, entrelaçamentos em faixa dupla, única e nós de natureza diferente, isolados dos demais retângulos por largas bordas; no retângulo direito há ornamentos pouco identificáveis sobre um homem levemente agachado, que leva uma mão à altura do rosto enquanto a outra se prolonga para o lado direito na altura da cintura. Assim como o cavalo do outro retângulo, ele está sobre uma faixa larga horizontal.

A partir desta, num transbordamento na parte inferior, uma faixa serpentiforme toca e extrapola a borda: ela desce em formato de S, exceto por um pequeno segmento que se conecta ao corpo da faixa principal a partir da borda do retângulo central; este filamento, por sua vez, é sobreposto por outra forma serpentiforme, que se sobrepõe à faixa principal para, num novo

serpentear, dividir-se em dois filamentos estreitos que envolvem a faixa central novamente.

As imperfeições podem ser atribuídas a diversos fatores: deficiências nos moldes, as limitações das técnicas denunciadas pelo próprio autor e a publicação da obra após Cumming ter deixado a ilha. Apesar disso, o guia serviu como base para outros interessados, que passaram a fazer referências ao autor, apesar dos problemas com os desenhos do precursor.

Após Cumming, o principal nome do século XIX sobre o assunto foi Philip Moore Callow Kermode (1852-1932), um antiquarista, historiador e a principal autoridade sobre as cruzes manx. Kermode dedicou o livro *Catálogo das cruzes manx com inscrições rúnicas e várias leituras e interpretações comparadas* (1887; 2.^a ed. 1892) a George Stephens (1813-1895), professor da Universidade de Copenhague e talvez o maior especialista em monumentos rúnicos da língua inglesa. Stephens era também⁵ um notório nacionalista.

Kermode datou a maioria das cruzes entre o final do século XI e o início do século XII, influenciado pela pretensa reocupação da ilha a mando do rei norueguês Magnus *do pé-descalço* em 1098, conforme atesta a muito posterior *Crônica dos Reis de Manx e das*

⁵ Autor do monumental *Os monumentos rúnicos em antigo nórdico da Escandinávia e Inglaterra* (1866-1901, 4 vols.) e da obra *As runas: de onde vieram* (1894). Sobre o nacionalismo, conferir a introdução da primeira obra, onde Stephens anunciou aos leitores que usaria termos obsoletos e provinciais do inglês para “lavar” a língua dos latinismos, germanismos e saxonismos (i.e., a influência americana); a seguir, ele criticou a lavagem do inglês de usa época “com o Latim bastardo” (1867: vi-vii).

*Ilhas*⁶. Ele equiparou, sem a devida acuidade, as cruzes de Man com as *runestones* escandinavas datadas entre os séculos XI e XII a partir de critérios estilísticos, históricos e linguísticos imprecisos (1892: 1-3; 1907: 170-180).

Por permanecer na ilha e ter acompanhado a descoberta de vários novos fragmentos, Kermodé lançou hipóteses explicativas dos temas adotados nas cruzes. Embora tenha referenciado Cumming com frequência e tenha lembrado seu trabalho precursor, ele considerou as ilustrações anteriores “frequentemente descuidadas” (1892: 2).

Neste esforço explicativo e compilatório, Kermodé sugeriu que a *Cruz de Malew* (cf. imagens 12, 13 e 14) seria uma “ilustração” de Sigurðr *Fáfnisbani* “assando o coração sobre o fogo”, como um legado das tradições lendárias e pagãs dos novos assentados na ilha (1892: 4). Além desta, outras duas representações foram encontradas em época nas paróquias de Andreas (cf. imagens 8 e 9) e Jurby, no extremo Norte da ilha, foram descritas em termos semelhantes (1892: 4).

⁶ Conforme a *Crônica*, santo Óláfr teria alertado que Magnús morreria rapidamente caso não se afastasse da Noruega. Assim, ele foi primeiro para as Órcades e, em seguida, para a Ilha de Man (*Chronica regum Manniae et insularum*, anno MXCVIII).



Imagens 8 e 9 - Ilustração da *Cruz de Andreas* e foto do monumento original.
Fontes: Kermode (1892) e Radcliffe (2010).

A quarta cruz foi descoberta por Kermode apenas anos depois (1901), e os comentários sobre ela publicados no ano seguinte na revista *O relicário e o arqueólogo ilustrado* (*The Reliquary & Illustrated Archæologist*), um almanaque de relatos de descobertas diversas nas dependências do Império britânico. A interpretação claramente deriva e depende da associação dos três primeiros monumentos com a narrativa de Sigurðr. Encontrada em Ramsey/Maughold (cf. imagens 10 e 11), no Nordeste da Ilha de Man, ela disporia Loki prestes a lançar a pedra em Ótr, no episódio propiciador do ciclo amaldiçoado do anel de Andvari (1907: 176; *Völsunga saga*, 14).



Imagens 10 e 11 - Ilustração de Kermode da *Cruz de Ramsey/Maughold* (c.1000) e foto do monumento original (saturada). **Fontes:** Kermode (1902) e Radcliffe (2010).

Kermode concluiu seu artigo no periódico comentando sua última descoberta em Ramsey/Maughold, que comporia o conjunto de peças sobre Sigurðr. Deste modo,

é de especial interesse como demonstra pela primeira vez a figura de Loki no ato de atirar pedras na lontra que está comendo o salmão que ele tinha acabado de capturar na cachoeira! Acima, e separado por algum interlaçamento de característica muito escandinava, nós vemos o corcel Grani com o baú contendo o tesouro obtido por Sigurd após assassinar o dragão Fafni [sic] - uma porção muito posterior do mesmo conto (1902: 193)⁷.

A justificativa, bastante óbvia para o antiquarista manx, que os membros da família reinante em Man reclamavam descendência do poderoso Volsungo, razão pela qual mandaram erguer os monumentos em homenagem ao antepassado e para chamar atenção ao próprio prestígio. Eles teriam sido erguidos no mesmo período dos portais das igrejas de tipo *stave*, o que justificaria a existência das gravações tanto na “Ilha do Meio” quanto na Escandinávia (1902: 193).

Graças ao hercúleo esforço para interpretar, datar e catalogar esses monumentos, Kermode alcançou rápida notoriedade entre os estudiosos do mundo nórdico. Se na publicação de 1887/1892 ele pode apenas inserir cinco desenhos além da descrição dos monumentos, seus principais trabalhos posteriores, lançados em 1896, 1907 e 1914 (cf. imagens 12, 13 e 14), oferecem uma ampla visualização dos desenhos do antiquarista manx.

⁷ “It is one of our Sigurd pieces, and is of special interest as showing for the first time the figure of Loki in the act of heaving stones at the otter which is eating the salmon it has just caught in the foss! Above, and separated by some very characteristic Scandinavian interlacing, we see the steed Grani with the chest containing the hoard won by Sigurd upon his slaying the dragon Fafni – a much later portion of the same tale”.

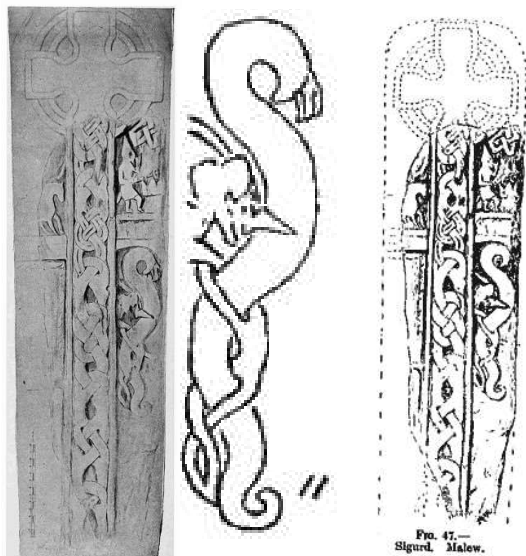


Imagem 12, 13 e 14 -
Diferentes representações
da *Cruz de Malew* pelas
mãos de Kermode //
Fontes: Kermode (1896),
Kermode (1907) e
Kermode (1914).

Citarei especialmente o livro *Cruzes de Man* (1907), “plenamente ilustrado”, como expresso na página de abertura. Após apresentar a lenda de Sigurðr conforme a *Saga dos Volsungos*, Kermode explicou os elementos presentes em *runestones* e igrejas escandinavas que dispõem de representações do herói, quase todas datadas em época entre os séculos XI e XII. Após descrever minuciosamente os monumentos da ilha, o autor apresentou suas conclusões: “Nós temos, então, quatro peças que indubitavelmente portam ilustrações das sagas de Sigurd [...] nós podemos, entretanto, supor que, como no caso das pedras suecas, elas foram erguidas para indivíduos que reclamavam a descendência do bravo Sigurd” (1907: 179).

A seguir, no intuito de fortalecer o argumento final, Kermode invocou o parentesco dos reis de Dublin do final do século XI tanto com o rei Godred de Man – pretensamente o primeiro monarca da ilha – quanto com Haroldo *dos belos cabelos*, rei da

Noruega. Este, conforme a tradição, seria um descendente da filha de Sigurðr. O(s) líder(es) insular(es), portanto, estariam evocando tal memória ao registrá-la em monumentos póstumos (1907: 179-180).

Nota-se, assim, uma tentativa de aproximação e equiparação do passado manx em relação aos acontecimentos, mitos e lendas da península escandinava. Thomas Caine, famoso novelista manx dezanovecentista, talvez possa expressar melhor do que eu as razões desse exagero por parte de Kermode, um ferrenho nacionalista: “nossa história civil não é gloriosa [...] não há heroísmo nela [...]”. O único motivo de orgulho insular, nas palavras deste escritor, foi a manutenção do Tynwald, a assembleia popular de pretensa origem escandinava que legou a constituição local (Caine, 1891: 46-49).

Nestes termos, Kermode reforçou, de maneira consciente ou não, o passado manx independente e orgulhoso, não diretamente ligado aos ingleses, a quem a ilha estava submetida, mas aos seus antepassados escandinavos durante o governo autônomo da ilha, com reis próprios, além de seu exemplo ancestral de vigor, força, coragem, perícia naval, i.e., uma miríade de qualidades que passou a ilustrar os nórdicos da *Era Viking* no final do século XIX (Birro, 2013a: 228-253).

O impacto da historiografia norueguesa de finais do século XIX na historiografia manx e na formação do nacionalismo manx também precisa ser considerado. Peter Andreas Munch, por exemplo, tradutor da *Chronica Manniae* e usado pelos antiquaristas e entusiastas manx de época, estava diretamente engajado no grupo de noruegueses que buscavam evidências do

papel forte e independente do reino durante o período medieval. A hegemonia *nórdica* (no sentido de norueguês)⁸ nos territórios de além-mar seria o verdadeiro símbolo de poder da Noruega; “eles concebiam as terras nórdicas tributárias no Atlântico (as *skattlands*) como dependências ou colônias, no senso imperialista do século XIX”⁹ (Wærdahl, 2010: 36). Assim, assumir uma posição pró-Noruega quando esta ainda estava vinculada ao reino dinamarquês era um risco menor de submissão que ao Império britânico, principal potência mundial da época.

Atestar relações desta monta para além da assembleia da ilha poderia ser um catalizador da identidade e do orgulho nacionalista locais, considerando as construções de tradições nacionais europeias da Era Moderna e Contemporânea, como disposto sistematicamente por Patrick Geary (2002), Ian Wood (2013) e, mais recentemente, Michael Kelly (2015). Deste modo, homens como Kermode afirmavam o nacionalismo manx a todo custo contra a mania britânica favorável à assimilação, anexação e amalgamação. Buscava-se, portanto, um afastamento da tendência saxonista englobadora (Birro, 2013a: 228-253), fomentada pela ilha vizinha, para forjar uma identidade “escandico-céltica” (Belchem, 2000: 217-222).

⁸ Como notou Steinar Imsen, o termo *nórdico* foi um empréstimo do holandês do século XVI e era usado inicialmente apenas para fazer referência aos noruegueses. Contudo, seu uso pode e tem sido aplicado aos escandinavos da Era Viking e da Era medieval escandinava de forma abrangente (2010: 15-16). Randi Wærdahl, porém, chamou atenção para as questões nacionalistas do termo em boa parte da produção historiográfica dos séculos XIX e XX (2010: 35-57). Desta feita, é preciso considerar tal olhar.

⁹ “They conceived the tributary Norse lands in the Atlantic (the *skattlands*) as dependencies, or colonies, in 19th century imperialistic sense”.

Porém, as principais críticas posteriores não atacaram a explicação, a estilização ou a limitação formativa de Kermode. Em 1914 Haakon Shetelig contestou a datação e classificação das cruces manx, mas em tom moderado (1920-1925 [1914]: 253-273); Em 1994 David Wilson, por sua vez, na publicação da terceira edição das *Cruzes de Man* de Kermode, informou os leitores sobre o conhecimento incompleto do nórdico antigo por parte do insular, em uma crítica suave das traduções que realizou das inscrições rúnicas na ilha. Assim, a hipótese de Kermode relacionada ao parentesco das casas reais de Dublin, Man e Noruega perdeu valor, ainda que a interpretação do homem como Sigurðr tenha sido mantida.

De fato, a longevidade das ilustrações e interpretações de Kermode na erudição é digna de nota. Todos os pesquisadores do século XX e XXI, salvo raras exceções, continuaram a usá-las, talvez pela dificuldade de visualização dos monumentos em fotos, ou ainda para fins de facilitar a visualização dos leitores e baratear as publicações. Quando não foram usadas, o fundo de explicações permaneceu: embora criticado, percebe-se certo “sabor” nos comentários tecidos, principalmente de autores vinculados ao círculo de intelectuais que frequentavam os museus e círculos acadêmicos oficiais.

Autor	Data de Publicação	Influência direta	Reprodução de Kermode, 1896
Cumming	1857		
Kermode	1896		
Kermode	1907	Kermode, 1896	
Kermode	1914	Kermode, 1896; Kermode, 1907	
Seaver	1929	Kermode, 1896	X
Hilda Ellis [Davidson]	1942	Kermode, 1896	X
Shetelig	1954	Kermode, 1896	X
Ploss	1966	Kermode, 1896	X
Wilson	1976	Kermode, 1896	
Margeson	1980	Kermode, 1896	
Cubbon	1983	Kermode, 1896	
Düwel	1986 [2005]	Kermode, 1907	
Byock	1990	Hilda Ellis [Davidson], 1942; Margeson, 1980.	
Holman	1996	Kermode, 1896; Kermode, 1907; Kermode, 1914	
Heizmann	2014	Kermode, 1907	X
Steinforth	2015	Kermode, 1896	

Tabela 1 – Tabela com a longa influência de Kermode na erudição contemporânea. A utilização das ilustrações foi frequente até pouco após meados do século XX. A partir de então, elas foram usadas poucas vezes, mas a dependência das conclusões se manteve com fartas referências bibliográficas, como nos casos de Margeson (1980), Holman (1996), Heimznann (2014) e Steinforth (2015).

Do ponto de vista acadêmico, não consegui notar algo para além do argumento da autoridade e a crença num extrato cultural compartilhado entre os escandinavos, principalmente na perspectiva lendária, mitológica e religiosa, conquanto os estudos mais recentes tenham relativizado esta antiga tendência (Muldoon,

1997; Cusack, 1998; Vésteinsson, 2000; Lager, 2003; Stæcker, 2007; Brink & Price, 2008; Abram, 2011; Winroth, 2012; Birro, 2013b).

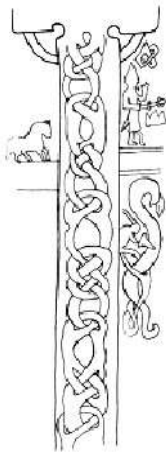


Imagem 15 – Ilustração da *Cruz de Malew* aos cuidados de Marshall Cubbon, publicada com incentivo do Manx Museum. // **Fonte:** Cubbon (1983).

Seja qual for a explicação, é possível até mesmo perceber excessos a posteriori: Marshall Cubbon (1924-2012), sucessor de Kermode na direção do Manx Museum, publicou sua própria coleção das cruzes manx sob chancela da instituição e, influenciado pelo antecessor, estilizou ainda mais as representações na Cruz de Malew (cf. imagem 15). Assim, o homem na parte superior não mais está agachado, mas em pé, talvez para torná-lo mais próximo da Cruz de Andreas; na parte inferior, a estilização do entrelaçamento adota a forma humana por completo, contrastando com as representações e descrições anteriores.

Ressalto que minha exposição não pretende jogar por terra quase um século e meio de erudição, mas, dada as estilizações, as diferentes interpretações possíveis (segmento/braço/espada etc.) e a necessidade da associação – ou interpretação exagerada – para

incluir cruces como Maughold/Ramsey, creio que reconsiderar as bases explicativas pode recobrar algumas limitações na leitura desses monumentos.

Este breve balanço serve como um atenuante dessas reflexões posteriores, que retomaram, tanto nas imagens quanto nas ideias, os posicionamentos dessa cepa antiquarista insular. Como o legado de Kermode projetou sombras longevas para a posteridade, retomar o contexto manx dezenovecentista e os argumentos empregados em época são aspectos importantes para avaliar a produção acadêmica dos séculos XX e XXI.

Para lançar mão desse arcabouço centenário, portanto, é preciso extrema cautela e conhecimento prévio dessas condições históricas, historiográficas e conceituais. Em última instância, o pesquisador, ao utilizar de maneira destemperada tais recursos e vitimado pela ingenuidade, pode abraçar representações problemáticas e lançar conclusões frágeis sobre um passado diversas vezes recomposto e ressignificado.

Referências

- Abram, C. (2011), *Myths of the Pagan North*. Londres: Continuum.
- Belchem, J. (2000), “The Little Manx Nation: Antiquarianism, Ethnic identity, and home rule politics in the Isle of Man, 1880-1918”, *Journal of British Studies* 39:2, pp. 217-240.
- Birro, R. M. (2013a), “O problema da temporalidade para os estudos da Europa Nórdica: a “Era Viking”, *NEArco – Revista Eletrônica de Antiguidade* 01, pp. 221-247.
- Birro, R. M. (2013b), *Rex perpetuus Norvegiæ: a sacralidade régia na monarquia norueguesa e a santificação de Óláfr Haraldsson (c.995-1030) à luz da literatura nórdica latina e vernacular (sécs. XI-XII)*, Dissertação. Niterói: PPGH/UFF.

- Brink, S. e Price, N. (eds.) (2008), *The Viking World*. Londres: Routledge, 2008.
- Byock, J. (1990), “Sigurðr Fáfnisbani: An Eddic Hero Carved on Norwegian Stave Churches”, em Pàroli, T. (ed.), *Poetry in the Scandinavian Middle Ages. The Seventh International Saga Conference*, Centro Italiano di Studi Sull'Alto Medioevo, pp. 619-628.
- Caine, H. (1891), *The Little Manx Nation*. New York: John W. Lovell, 1891.
- Cubbon, A. M. (1983), *The art of the Manx Crosses*. Douglas: Manx Museum & National Trust.
- Cumming, J.G. (1857), *The runic and other monumental remains of the Isle of Man*. London: Bell and Daldy.
- Cusack, C. M. (1998), *Conversion Among the Germanic Peoples*. London: Cassell.
- Duffy, S. (1998). “Isle of Man”, em Connolly, S.J. (ed.), *The Oxford Companion to Irish History*. Oxford: Oxford University Press.
- Duffy, S. (2005), *New History of the Isle of Man*, Vol.3. Liverpool: Liverpool University Press.
- Düwel, K. (1988), “On the Sigurd representations in Great Britain and Scandinavia”, em Jazayery, M. A. e Winter, W. (eds.), *Languages and Cultures - Studies in Honor of Edgar C. Polomé*. Berlín: De Gruyter, pp. 133-156.
- Ellis, H. R. (1942), “Sigurd in the Art of the Viking Age”, *Antiquity* 16:63, pp. 216-236.
- Geary, P. (2005), *O mito das nações: a invenção do nacionalismo*. São Paulo: Conrad.
- Harris, O. D. (2015), “William Camden, Philemon Holland and the 1610 translation of Britannia”, *Antiquaries Journal* 95, pp. 279–303.

- Holman, K. (1996), *Scandinavian Runic Inscriptions in the British Isles: their historical context*. Trondheim: Tapir.
- Heizmann, W. (2014), “Die mythische Vorgeschichte des Nibelungenhorts”, em Millet, V. e Sahn, H. (eds.), *Narration and Hero: Recounting the Deeds of Heroes in Literature and Art of the Early Medieval Period*. Berlín: De Gruyter, pp. 305-338.
- Imsen, S. (2010), “Introduction”, em Imsen, S. (ed.), *The Norwegian Domination and the Norse World, C.1100-c.1400*. Trondheim: Tapir University Press, pp. 13-33.
- Kelly, M. J. (2015), “Who Read Pierre Pithou? The Impact of the French Renaissance on Visigothic History and Modern representations of early medieval past”. Conferência, Universidade de São Paulo, 05 de Outubro de 2015.
- Kermode, P.M.C. (1902), “Some Early Christian Monuments recently discovered at Kirk Maughold, Isle of Man”, *The Reliquary & Illustrated Archaeologist VIII*, pp. 182-193.
- Kermode, P.M.C. (1994), *Manx Crosses*. Balgavies: The Pinkfoot Press.
- Kermode, P.M.C. e Scot, F.S.A. (1896), “Saga Illustrations of Early Manx Monuments”, em *Saga-Book of the Viking Club I*. Londres: Viking Club, pp. 350-369.
- Kermode, P.M.C. e Scot, F.S.A. (1907), *Manx crosses or the inscribed and sculptured monuments of the Isle of Man from about the end of the fifth to the beginning of the thirteenth century*. Londres: Bemrose & Sons.
- Kermode, P.M.C e Herdman, W.A. (1914), *Manks Antiquities*. Liverpool: University Press of Liverpool.
- Kinnebrook, W. (1841), *Etchings of the runic monuments in the Isle of Man*. Londres: Longman & Co.
- Lager, L. (2003), “Runestones and Conversion of Sweden”, em Carver, M. (ed.), *The Cross goes North: processes of conversion in Northern Europe, AD 300-1300*. York: York Medieval Press, pp. 497-508.

- Margeson, S. (1980), "The Volsung legend in Medieval art", em Andersen, F.G. *et al* (eds.), *Medieval Iconography and Narrative: A Symposium*. Odense: Odense University Press, pp. 182-211.
- Muldon, J. (ed.) (1997), *Varieties of Religious Conversion in the Middle Ages*. Gainesville: University Press of Florida.
- Ploss, E. E. (1966), *Siegfried - Sigurd, der Drachenkämpfer: Untersuchungen zur germanisch-deutschen Heldensage*, Colonia: Böhlau.
- Quine, J. (1911), *The Isle of Man*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Sacheverell, W. (1859), *An Account of the Isle of Man*. Douglas: Manx Society.
- Seaver, E. I. (1929), "The figure sculpture of the Scandinavian crosses on the Isle of Man", em Aubert, M. *et al.* (eds.), *Johnny Roosval den 29 Augusti 1929 - Amici Amico*. Estocolmo: Nordisk Rotogravyr.
- Shetelig, H. (1920-1925 [1914]), "Manx Crosses", em *Saga Book IX*. Londres: Viking Club, pp. 250-283.
- Shetelig, H. (1940-1954), *Viking Antiquities in Great Britain and Ireland*, 6 Vols. Oslo: H. Aschehoug.
- Stæcker, J. (2007), "Decoding Viking Art: The Christian iconography of the Bamberg shrine", em Hårdh, B., Jeenbert, K. e Olausson, D. (eds), *On the Road: Studies in Honour of Lars Larsson*, Acta Archaeologica Lundensia 26. Estocolmo: Stockholm University Press, pp. 299-304.
- Steinforth, D. K. (2015), *Die skandinavische Besiedlung auf der Isle of Man - Eine archäologische und historische Untersuchung zur frühen Wikingerzeit in der Irischen See*. Berlín: De Gruyter.
- Vésteinsson, O. (2000), *The Christianisation of Iceland: Priests, Power, and Social Change 1000-1300*. Oxford: Oxford University Press.

RENAN MARQUES BIRRO

- Wærdahl, R. B. (2010), “The Norwegian Realm and the Norse World: a Historiographic Approach”, em Imsen, S. (ed.), *The Norwegian Domination and the Norse World, C.1100-c.1400*. Trondheim: Tapir University Press, pp. 35-57.
- Wilson, D. M. (1976), “Scandinavian Settlement in the North and West of the British Isles – an Archaeological Point-of-View”, *Transactions of the Royal Historical Society* 26, pp. 95-113.
- Wilson, T. (1722), “Isle of Man”, em Camden, W., *Britannia*. Londres, cols. 1448-1458.
- Winroth, A. (2012), *The Conversion of Scandinavia: vikings, merchants, and missionaries in the remaking of Northern Europe*. New Haven: Yale University Press.
- Wood, I. (2015), *The modern origins of the Early Middle Ages*. Oxford: Oxford University Press.
- Worsaae, J. J. A. (1852), *An Account of the Danes and Norwegians in England, Scotland, and Ireland*. Londres: John Murray.